



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS- DL  
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**GUILHERME MATEUS OLIVEIRA SILVA**

**OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MASCULINO A PARTIR DE *POSTS*  
DO *INSTAGRAM***

**PATU/RN  
2023**

**GUILHERME MATEUS OLIVEIRA SILVA**

**OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MASCULINO A PARTIR DE *POSTS*  
DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus* Avançado de Patu–CAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Fernandes Nery

**PATU  
2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586m Silva, Guilherme Mateus Oliveira  
OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO  
MASCULINO A PARTIR DE POSTS DO INSTAGRAM. /  
Guilherme Mateus Oliveira Silva. - Patu-RN, 2023.  
44p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas  
respectivas Literaturas). I. Nery, Luciana Fernandes. II.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.  
Título.

**GUILHERME MATEUS OLIVEIRA SILVA**

**OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MASCULINO A PARTIR DE *POSTS*  
DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – moUERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Aprovado em: 30 de Março de 2023.

**Banca Examinadora**

*Luciana Fernandes Nery*

---

Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

*Aline Almeida Inhoti*

---

Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti – Examinadora 1  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

*Débora Caruline Pereira Silva*

---

Profa. Ma. Débora Caruline Pereira – Examinadora 2  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Dedico este trabalho a Deus, que me deu forças para seguir em frente; à minha família; aos meus amigos, colegas e professores.

## AGRADECIMENTOS

Para iniciar os agradecimentos deste trabalho, gostaria de falar de esperança. Quando tudo que a lógica explica se esvai, o que resta é um sentimento forte que nos faz olhar pra frente e sem explicação ou sentido lógico, nos levanta. Diante deste cenário mundial de guerras, conflitos e desvio de valores, a esperança é uma força para seguir caminhando.

Agradeço imensamente a Deus, por todo o amor que fez brotar na minha vida, nos detalhes mais inesperados e inesquecíveis. Obrigado, minha mãe Maria, por ser uma intercessora cuidadosa que revigora o nosso contato com o senhor. Obrigado, por todo afeto que sempre concedeu, por sempre me aproximar de Deus.

Agradeço de todo meu coração à minha família que foi um alicerce para que eu frequentasse a universidade. No dia a dia, foram eles testemunhas oculares dessa trajetória. A minha mãe Josenira de Melo Oliveira; ao meu pai José Pereira da Silva; as minhas irmãs Natália Regina e Maria Tereza; as minhas primas Ana Clara e Jamille Emanuele. Todo meu amor e gratidão.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado nos momentos externos a universidade, se preocupando e distraíndo-me quando precisava de risos. Guardarei esses momentos com afago no meu coração. A Sarah Fernandes, Barbara Helen, Brenda Alice, Raquel Paiva, Gabriely Torres, Fernanda Hellen, Severino Lopes e Alyce Maia. Obrigado por fazerem os meus dias mais felizes e tornarem o mundo um lugar melhor.

Aos meus colegas, que traçaram junto comigo essa jornada. A travessia da universidade é sempre desafiadora para cada um, mas quando damos as mãos e nos unimos tudo fica melhor. Agradeço à Ana Luiza, Ana Leticia, Creuza Thayna, Damiao Júnior, Danielle Silva, Emanuela Alves, Erica Giany, Fayne Oliveira, Fernanda Rhubenia, Geane Valentim, Gessica Alves, Jaciara Paiva, Julia Andrade, Julia Araújo, Kaline Dantas, Laura Vitoria, Luana Beatriz, Maria Luiza, Thálya Kamilla, Vinicius Linhares e Vitória Rachel. Em especial aos que mais estiveram perto de mim formando grupos de trabalho e estudo/amigos. Obrigado pelas conversas, pelo apoio, pela força e pela coragem que vocês me passaram.

Agradeço também aos meus professores pela dedicação que nos proporcionaram. Obrigado por serem casa e refúgio quando precisávamos, por tornar

maior os nossos conhecimentos. A cada um dos professores que passaram por mim durante este tempo de discente da UERN, meu muito obrigado.

Que vai ser quando crescer?  
Vivem perguntando em redor. Que é ser?  
É ter um corpo, um jeito, um nome?  
Tenho os três. E sou?

(Carlos Drummond de Andrade, 1987 p. 271)



## RESUMO

Este estudo dedicou-se à investigar os modos de objetivação dos sujeitos masculinos através na página @macho\_excessivamente\_viril do *Instagram*. Como objetivos específicos, pretendeu-se a) Identificar os modos de objetivação em *posts* do *Instagram* relacionados à masculinidade; b) Descrever a constituição do sujeito masculino na página @macho\_excessivamente\_viril; c) Analisar as relações de poder do sujeito masculino através de postagens da página @macho\_excessivamente\_viril. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativista, uma vez que considera as realidades para descrever e interpretar os dados selecionados para análise. O corpus deste estudo é composto por 8 (oito) postagens selecionadas do perfil @macho\_excessivamente\_viril, publicados nos anos de 2021 e 2022. Como suporte teórico, pautou-se em Foucault (2008, 2009, 2010), Gregolin (2001, 2006, 2007), Muszkat (2018) e Bola (2020), Saffioti (1987). Através do percurso de análise, foi possível observar os modos de objetivação dos sujeitos masculinos por meio dos enunciados compartilhados através do *Instagram*, considerando as relações de poder que funcionam por meio dos discursos propagados na sociedade.

**Palavras-chave:** Discurso; Masculinidade; Modos de Objetivação; Mídias Digitais

## ABSTRACT

Therefore, this study was dedicated to investigating the modes of objectification of male subjects through the Instagram page @macho\_excessivamente\_viril. As specific objectives, it was intended to a) Identify the modes of objectification in Instagram posts related to masculinity; b) Describe the constitution of the male subject on the page @macho\_excessivamente\_viril; c) Analyze the power relations of the male subject through posts on the page @macho\_excessivamente\_viril. The research presents a qualitative approach of a descriptive-interpretative nature since it considers the realities to describe and interpret the data selected for analysis. The corpus of this study consists of 8 (eight) posts selected from the profile @macho\_excessivamente\_viril, published in the years 2021 and 2022. As a theoretical support, it was based on Foucault (2008, 2009, 2010), Gregolin (2001, 2006, 2007), Muszkat (2018) and Bola (2020), Saffioti (1987). Through the course of analysis, it was possible to observe the modes of objectification of male subjects through statements shared through Instagram, considering the power relations that function through the discourses propagated in society.

**Keywords:** Discourse; Masculinity; Objectification Modes; Digital Media.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> A força feminina de levantar bíceps! .....	29
<b>Figura 2:</b> A esposa é uma “maquina” .....	31
<b>Figura 3:</b> Ou faz ou não é homem.....	32
<b>Figura 4:</b> A fragilidade tida como vergonha.....	34
<b>Figura 5:</b> Admitir a dor não é normal.....	35
<b>Figura 6:</b> Homens têm sentimentos.....	37
<b>Figura 7:</b> Para o homem, a violência resolve.....	38
<b>Figura 8:</b> Homem de verdade toma banho com aço.....	39

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	12
<b>2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO: UM OLHAR PARA A BASE TEÓRICA DA ANÁLISE DO DISCURSO</b> .....	<b>15</b>
2.1 Discurso, Língua e Sociedade .....	15
2.1.1 Enunciado, prática discursiva e memória discursiva.....	16
2.2 Saber, Poder e Subjetividade: a formação do sujeito por meio das práticas discursivas.....	20
2.3 As mídias digitais como espaço para a circulação dos discursos.....	23
2.4 A Masculinidade como uma construção sócio-histórico-cultural.....	25
<b>3 O <i>INSTAGRAM</i> COMO ESPAÇO DE OBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS MASCULINOS</b> .....	<b>28</b>
3.1- A visão masculina socialmente construída sobre a mulher.....	28
3.2-“ <i>Homem não chora</i> ”: a repressão das emoções.....	33
3.3 A construção do homem sob a visão da masculinidade idealizada.....	37
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os movimentos sócio-históricos são formados em meio à sociedade e constituem os sujeitos. Em vista disso, é possível perceber os papéis que lhes são atribuídos, conferindo ideias do senso comum. Nesse cenário, percebe-se que, comumente, os homens assumem determinados comportamentos devido à fatores socialmente construídos relacionados ao que se considera como “ser macho”, vinculado a aspectos atribuídos de acordo com o gênero (MUSZKAT, 2018). Desse modo, o sujeito macho é, na maioria das vezes, condicionado a não transparecer fragilidade ou sensibilidade, visto que os comportamentos inerentes à masculinidade se constituem de personalidades mais agressivas e autoconfiantes, denotando assim uma expressão de superioridade, que, por sua vez, determina certa posição social.

A construção dos elementos da masculinidade se deve à produção de discursos formulados através de enunciados ligados aos acontecimentos históricos e sociais. Observa-se, dessa maneira, que espaços como as mídias digitais têm se tornando uma rede de relações cada vez maior. Segundo Martinho (2015), as mídias digitais são ambientes criados a partir das conexões compartilhadas simultaneamente pelos sujeitos, que estabelecem vínculos uns com os outros de maneira mais fluida. O uso frequente de mídias como o *Instagram*, por exemplo, em que os sujeitos estão conectados em uma rede em movimento possibilita um alcance cada vez maior das informações. Tendo isso em conta, percebe-se que através do *Instagram* os sujeitos masculinos e são constituídos do *cyberespaço*.

Essas constatações permitem elencar as seguintes questões de pesquisa: a) Como os sujeitos masculinos são objetivados através de práticas discursivas em *posts* do *Instagram*? b) Como os enunciados no *Instagram* apresentam um ideal de masculinidade? c) Quais as relações de poder manifestadas pelo sujeito masculino no *Instagram*?

A partir disso, definiu-se por objetivo geral deste trabalho: Investigar os modos de objetivação dos sujeitos masculinos na página @macho\_excessivamente\_viril do *Instagram*. Para reforçar os direcionamentos da pesquisa, elaborou-se como objetivos específicos: a) Identificar os modos de objetivação em *posts* do *Instagram* relacionados à masculinidade; b) Descrever a constituição do sujeito masculino na página @macho\_excessivamente\_viril do *Instagram*; c) Analisar as relações de

poder do sujeito masculino através de postagens da página @macho\_excessivamente\_viril do *Instagra*.

O presente estudo justifica-se por tratar de uma temática relevante nos dias atuais, uma vez que ressalta a forma como os sujeitos masculinos são objetivados, levando em consideração as mídias digitais. Como justificativa pessoal, compreende-se que a pesquisa se constitui como uma tentativa de entender as atribuições dadas ao sujeito masculino na contemporaneidade.

Nosso trabalho se situa na linha dos Estudos Discursivos Foucaultianos por abordar as relações de poder no meio social a partir da emergência dos discursos. Para nortear essa matriz de pensamentos, tomamos por base a abordagem qualitativa que Chizzotti (2000) defende nas regularidades abordadas para a verificação dos funcionamentos humanos e suas relações sociais. Nossa pesquisa também apresenta um caráter descritivo-interpretativista, uma vez que considera os aspectos reais para descrever as características do estudo, bem como para analisar os dados selecionados.

Desse modo, o método arqueogenealógico torna-se propício para nortear essa pesquisa, pois parte-se da compreensão histórica e dos mecanismos da sociedade na solidificação do poder por meio das práticas do saber sob o sujeito. Através desse método, compreende-se como as redes sociais apresentam espaços discursivos construindo uma memória por meio dos discursos. Para embasar a pesquisa, buscamos as contribuições teóricas de Foucault (2008, 2009, 2010), Fernandes (2005), Navarro (2020), Gregolin (2001, 2006, 2007, 2016) e Sargentini (2015), uma vez que abordam sobre as formações discursivas que reverberam através dos enunciados, estabelecendo relações de poder entre os sujeitos. Muszkat (2018) e Bola (2020), Saffioti (1987) e Oliveira (2010) para abordar sobre a masculinidade enquanto dominação no meio social e Martinho (2015), para tratar sobre as mídias digitais e sua interatividade no cotidiano dos sujeitos.

Selecionamos como *corpus* analítico as postagens da plataforma *Instagram*, por ser uma rede de interação social de alcance amplo. Dentro dessa perspectiva, selecionamos os *posts* da página @macho\_excessivamente\_viril para servir de aparato analítico, pois percebemos que esta página traz enunciados que configuram um ideal masculino. Diante disso, selecionamos 8 (oito) *posts*, sendo 6 (seis) publicadas em 2021 e 2 (três) em 2022.

O presente trabalho se divide em três seções. A primeira trata das Considerações Iniciais da pesquisa. Na segunda seção, intitulada, *A construção social do sujeito: um olhar para a base teórica da análise do discurso*, aborda-se a construção social do homem a partir da circulação dos discursos no meio social, verificando o processo de formação dos sujeitos masculinos na sociedade e ainda levando em conta a instância das mídias digitais neste processo. Na seção III, *O Instagram como espaço de objetivação dos sujeitos masculinos* apresenta-se as publicações selecionadas e a partir delas desenvolvemos a análise dos dados. Organiza-se em três trajetos temáticos: a) A visão masculina socialmente construída sobre a mulher; b) *“Homem não chora”*: a repressão das emoções; c) A construção do homem sob a visão da masculinidade idealizada. Por fim, segue as considerações finais.

## 2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO MASCULINO A PARTIR DE UM OLHAR SOBRE AS MÍDIAS DIGITAIS

É possível entender os discursos como parte da constituição dos sujeitos, visto que por meio deles se realiza o exercício do poder. Assim sendo, instâncias midiáticas são o lugar por onde os discursos podem circular produzindo sentidos e verdades entre os sujeitos. Tendo em conta que a masculinidade procede de fundamentos históricos e sociais, discutiremos nesta seção sobre a constituição dos discursos, abordando sobre a formação dos saberes e poderes e como funcionam na realidade do sujeito; o papel das mídias, mais especificamente do *Instagram* e ainda sobre a masculinidade como uma construção histórica e cultural.

### 2.1 Discurso, Língua e Sociedade

Na concepção foucaultiana, o discurso é um acontecimento determinado no tempo e espaço em que aparece. “O discurso não é simplesmente aquilo que se traduz nas lutas ou os sistemas de dominação, mas aqui porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 2009 p. 10). Dessa forma, é possível compreender que os discursos envolvem as questões sociais exteriores à linguagem. Através da língua, os discursos se propagam. Portanto,

Discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões da natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. (FERNANDES, 2005 p.20).

Para o referido autor, os sentidos são produzidos a partir das posições dos sujeitos na sua realidade social. “Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários” (Fernandes, 2005 p. 22). Diante disso, percebemos que os discursos não estão presos aos significados das palavras, pois circulam no espaço social através dos enunciados.

A partir disso, a Linguística desenvolveu uma área de estudo que oferece uma possibilidade de analisar a língua, o sujeito e a história, a Análise do Discurso (AD). Para Gregolin (2007), a AD observa os sentidos que são produzidos socialmente, utilizando a materialidade da língua para conferir a sua existência real.



De acordo com Sousa, Paixão (2015 p.19), “dentre as diversas ramificações que na atualidade constituem os estudos do discurso, uma das vias é aquela que se dispõem a ‘pensar com Foucault’.” Dentre as obras desenvolvidas por Foucault, um dos trabalhos de maior relevância para os estudos do discurso é a *Arqueologia do Saber* (1969) na qual o autor propõe analisar a formação dos saberes através de um método arqueológico. Nesse sentido,

[...] pode-se afirmar que essa deve ser a preocupação do arqueólogo e era a centralidade do pensamento foucaultiano em *A Arqueologia do Saber*, buscar as regras de formação dos enunciados, num entendimento de que essas regras são os modos como os enunciados se relacionam e permitem a regularidade de certos enunciados que se tornam sérios. (MORAIS, 2017 p.188).

De acordo com Morais (2017), pode-se entender o método arqueológico como uma descrição dos enunciados que se associam entre si e compõem uma regularidade. Isto é, Foucault propõe através deste método uma análise dos saberes como regras da formação dos discursos. Para isso, o autor observa as condições que determinam a sua produção. Dessa forma, trata-se de conceber o saber como aquilo que rege os enunciados formados por meio das práticas discursivas.

Na obra *A ordem do discurso* (1970), Foucault delinea a formação dos discursos ligados à verdade, que por sua vez são sancionados pelas instituições sociais. Para o referido autor, “sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2009, p. 09). Desta forma, diante das condições de possibilidade, os discursos surgem de forma ordenada, atentando para prescrições da sociedade que os regularizam. Visto isso, é possível notar como Michel Foucault estabelece os discursos como chave para a objetivação/subjetivação dos sujeitos. Para entender melhor as noções do discurso na perspectiva foucaultiana, abordaremos no próximo subtópico as definições de enunciado, prática discursiva e memória discursiva.

### **2.1.1 Enunciado, Prática discursiva e Memória discursiva**

O enunciado é uma função que perpassa as estruturas de uma língua formada por meio de regras de existência e não se restringe à existência gramatical como as proposições, frases ou atos de fala. Foucault (2008 p. 96) afirma que:

Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua).

Não é possível compreender os enunciados somente como uma construção gramatical. Fernandes e Sargentini (2022, p.60) afirmam que “a língua é condição de possibilidade material para os enunciados, sem, contudo, estarem no mesmo plano de existência.” Visto isso, é possível observar que através dos elementos combinatórios da língua, os enunciados são formados em uma prática. Assim, é possível compreender o discurso como uma prática regida pela formação dos saberes. Para Foucault (2008 p.133) entende-se por prática discursiva:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Desse modo, o conjunto de regras que regem a prática discursivas são determinadas pelo espaço e tempo. É por meio da prática discursiva que os enunciados exercem sua função uma vez que ordenados em uma regularidade, constituem um discurso. Portanto, é importante ressaltar que “o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes pode-se atribuir modalidades particulares de existência.” (FOUCAULT, 2008 p. 122). Esse conjunto de enunciados se apoiam em regularidades e se dispersam na sociedade através das formações discursivas, compreendidas como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (Uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008 p. 43).

Nesse contexto, a formação discursiva é determinada a partir de possibilidades que compreendem objetos, tipos de enunciação e temas, definidos pelas condições de produção oriundas das regras que as possibilitam aparecer em determinado tempo e espaço discursivo e serem dispersas na sociedade. Visto isso, a formação discursiva delinea o aparecimento de discursos que seguem em uma

mesma regularidade.

Fernandes (2005) assevera que é possível notar um movimento que permite a constituição dos sujeitos no meio social, diante de um aspecto histórico que mantém a formação de novos grupos sociais e, por sua vez, novos discursos. Para o autor:

O aspecto histórico decorre da interação social entre os sujeitos e grupos de sujeitos como um movimento ininterrupto e descontínuo na linha do tempo, que conduz para a constituição de novos sujeitos e novos grupos sociais, bem como para formação de novos discursos. (FERNANDES, 2005 p. 50)

Esse processo desencadeia nos sujeitos uma memória discursiva que fundamenta a formação dos discursos. “Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos” (FERNANDES 2005 p. 42). Por meio disso, percebe-se como são construídos de forma significativa, visto que emergem das condições de possibilidades nas quais os sujeitos estão inseridos. Fernandes (2005) define a memória discursiva como sendo o espaço para o fundamento dos discursos. Portanto, é vista como um fato histórico que se transforma com o decorrer do tempo, tendo em conta as condições de produção dos discursos. Gregolin (2006) diz que “a história é construída por esses jogos enunciativos, pelas batalhas discursivas” (p.93). Desse modo, entende-se que o discurso é uma estrutura formada por enunciados produzidos pelas condições de possibilidades e, por sua vez, são aceitos no lugar onde surgem como verdadeiros.

A verdade não pode ser entendida como algo absoluto, mas ligada aos conhecimentos de cada campo social. Foucault (2010, p 12) afirma que:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiros.

Dessa forma, a verdade é definida a partir das instâncias que regularizam os enunciados como verdadeiros ou falsos e, assim, se propagam entre os sujeitos. Perante o exposto, no próximo subtópico, discutiremos sobre saber, poder e subjetividade, a fim de entender as relações de força que agem sobre os sujeitos.

## **2.2 Saber, Poder e Subjetividade: a formação do sujeito por meio das práticas discursivas**

Pensando sobre as noções de discurso delineadas por Foucault, direciona-se a discussão sobre os saberes constituídos no meio social, compreendendo o que condiciona os discursos e determinam os dizeres através das regras de produção, determinando o que pode ser dito ou não em uma prática discursiva. É a partir do saber que se consideram os discursos como verdadeiros ou falsos. Com isso, entende-se que os saberes são formados sócio-historicamente e situam-se na época e espaço onde surgem, sendo indispensáveis para a ciência. (FOUCAULT, 2008 p. 206)

Dentro dessa perspectiva, Foucault (2008) apresenta o saber como a maneira por onde o sujeito pode tomar posicionamento, tendo em conta que lhe é concedido por meio das práticas sociais, designando pontos de articulação entre diferentes discursos. Com isso, é possível dizer que o saber determina a verdade no meio social, estabelecidos como arma de dominação que regulariza o que pode ser dito ou não. Desse modo,

Um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese de diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas discursivas) (FOUCAULT, 2008 p. 207)

Através disso, é possível observar que por meio dos saberes, os sujeitos podem se posicionar diante dos discursos. Para Azevedo (2013. p.149), “um saber é aquilo que pode-se falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada, é o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupam seus discursos”. Tendo isso em conta, observa-se que o saber mobiliza as práticas discursivas. Foucault (2010 p. 04) ressalta que “o que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos”. Ou seja, a dominação entre os enunciados leva as proposições consideráveis dentro do âmbito científico, construindo assim discursos aceitos na realidade social.

Os sujeitos estão ligados às formações concedidas pelo saber, instituídas pelas relações de poder. Para Foucault (2010), o poder não se localiza em um centro superior, do qual se sistematiza e ordena de um ponto específico uma autoridade. Para o referido autor, o poder é um exercício que percorre o meio social e se estabelece nas relações. Diante disso, Foucault (2010, p.175) afirma que “o poder não se dá, não se troca nem retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e produção das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força”. Isto é, o poder atua diretamente na vida dos sujeitos e organiza-se mediante as instituições sociais perpassando o comportamento dos sujeitos. Diante disso, observa-se que o poder não se restringe a ninguém, mas estabelece relações entre os sujeitos. Desse modo, percebe-se que:

É pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio da disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações que exprimem comando e comandados (FERREIRINHA e RAITZ, 2010 p. 371).

O poder funciona diretamente na vida dos sujeitos como uma relação de força que opera no meio social. Observa-se que é através das disciplinas que se estabelecem estas relações de poder. Dessa forma, é possível entendê-lo como uma prática que se estende pela vida cotidiana. O poder, segundo Foucault (2010) é constituído por meio de práticas que funcionam em rede e possibilitam as formas de resistências. É uma ação sobre outras ações.

Entende-se que a estrutura social constitui um controle minucioso do corpo dos sujeitos, de acordo com as normatizações conferidas pelas instituições. Assim, considera-se que “o corpo humano era, e permanece para nós, coberto de signos, mesmo se a natureza desde, o olhar que os decifra, a exposição de quem os interpreta e a intenção de quem os exprime se modificam historicamente (COURTINE, p.78)”. A partir disso, o corpo do sujeito é visto como o objeto de uma prática, a superfície por onde se exerce as práticas do saber-poder e, por sua vez, fornece o material para que se constitua o processo de objetivação e subetivação dos sujeitos.

O poder disciplinar tende a tornar os corpos dóceis, isto é, modelados de acordo com os desmandos estabelecidos socialmente. Ferreirinha e Raitz (2010)

afirmam que “corpos dóceis são corpos maleáveis e moldáveis, o que significa que, por um lado, a disciplina se submete ao corpo num ganho de força pela sua utilidade; e, por outro lado, perde força pela sua sujeição à obediência política, como explicita o autor” (p.378). Com isso, nota-se que o corpo do sujeito é submetido pelas forças do poder. Através disso, é possível dizer que os sujeitos são formados por meio de uma relação consigo em meio a um jogo de verdade condicionada através dos discursos.

Os modos de objetivação e também de subjetivação acontecem através do efeitos do poder. A busca por reconhecer-se sujeito implica uma ação de resistência, constituindo uma força fora do domínio do poder a qual se opõe a sua funcionalidade. Para isso, é possível observar as práticas de si que concernem na autonomia do sujeito de seguir as regras segundo a sua própria vontade em processos de individualização. “O movimento em direção ao eu configura o domínio e a posse de si.” (FONSECA 2012 p.147). Nesta definição, as práticas de si se configuram no entendimento do sujeito sobre o ‘eu’ em um domínio e faz voltar sobre si os pensamentos e ações, que determinam sua constituição.

Portanto, os discursos que circulam no meio social fazem o poder funcionar e agem sobre o corpo dos sujeitos, estabelecendo verdades. Com isso, é possível afirmar que:

A subjetivação (relação consigo) diferencia-se dos processos de individuação, que consistem na construção de subjetividades modeladas pelas relações de poder e de saber. Por exemplo, as classificações que giram em torno de normas construídas pelo saber médico veiculam individualidades confinadas a estruturas de poder e saber. (FONSECA, 2012 p.151)

A formação dos sujeitos na sociedade se deve a fatores sócio-históricos e culturais. Portanto, consideramos a subjetividade, no processo de formação do sujeito, que pode ser entendida como um processo social, mas que inscreve os sujeitos de forma individual. Para Gregolin (2007, p.21), “a subjetividade está em circulação, é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares”. Diante disso, os sujeitos são formados e constroem suas identidades através do exercício de poder na sociedade, partindo do ponto de que são condicionados pelas instituições sociais que comandam e regulam suas condutas.

Segundo Foucault (2010), o poder tem sua força não somente pelo sistema punitivo, mas pelo qual se regulariza como devem agir. Isto é, não funciona apenas repressivamente, mas na regência de orientar e demarcar o comportamento dos sujeitos na sociedade, manifestando os saberes concebidos no meio social. Através das instituições dos saberes que regem os discursos tomados como verdades se promovem os processos de objetivação/subjetivação. No próximo subtópico, discutiremos sobre as mídias digitais como um espaço para a circulação dos discursos.

### **2.3 As mídias digitais como espaço para a circulação dos discursos**

Entre os campos discursivos em que as relações de poder funcionam percebe-se o das mídias digitais. Tendo isso em mente, é possível destacar o diálogo das mídias digitais diretamente com a realidade dos sujeitos por efetuarem uma mediação entre o virtual e o real, estabelecendo uma relação com a realidade. Sobre essa questão, é importante destacar que:

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (GREGOLIN, 2007 p. 16)

Desse modo, as mídias digitais compreendem-se como uma rede de conexões que ligam os sujeitos e estabelecem vínculos à medida que se conectam entre si. Por meio disso, é possível observar como o campo das mídias digitais é de suma importância na atualidade, visto que tem alcançado cada vez mais espaço na vida dos sujeitos. O espaço das mídias digitais é reconhecido como *ciberespaço*, que pode ser compreendido como o âmbito pelo qual os sujeitos exercem as conexões entre si. "O ciberespaço é a interconexão digital entre computadores ligados em rede. É um espaço que existe entre os computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados" (MARTINHO, 2014 p.29). Assim, encontra-se um campo em que é possível operar os discursos através da interação social dos sujeitos, uma vez que permite a conexão e articulação entre os diferentes discursos.

Com isso, pode-se entender as mídias digitais como um veículo de comunicação baseado na tecnologia, promovendo uma interatividade entre os sujeitos. Esta interação, para Martinho (2015), é desenvolvida através da quantidade de conexões entres os sujeitos em rede. Nesse sentido,

A dinâmica entre seus participantes refere-se à forma de interação *entre* eles. Pode ser entendida como o movimento existente em uma rede, como a quantidade e o tipo de conexões estabelecidas entre os participantes, por exemplo, ou o fluxo de pessoas que entra e deixa a rede. (MARTINHO, 2014 p.56)

Desta forma, entende-se esse movimento interativo dos sujeitos imersos em uma rede de conexões. Dentre os diversos campos das mídias digitais, pode-se deparar-se com redes sociais como o *Instagram*, que possibilita a publicação de fotos e vídeos entre os usuários que curtem, comentam e compartilham os *posts*. Estes enunciados, por sua vez, carregam as veredades socialmente constituídas. Nesse ínterim, é possível observar que os ideais defendidos pela sociedade são propagados no âmbito da mídia digital. Dessa forma, observa-se como os corpos são controlados pelo poder. Assim, pode-se pensar nos sujeitos masculinos que são objetivados por uma cultura patriarcal, que define as formas que os homens devem viver. Diante disso, “o virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, interpretação, resolverá na leitura.” (LEVY, 2011 p. 40). Perante isso, o meio digital pode ser considerado como um espaço de (re)produção dos discursos.

Por meio das mídias digitais diversas relações são construídas de forma rápida e fluida através dos compartilhamentos de publicações, fazendo emergir discursos que carregam ideais socialmente definidos. Dessa forma, no próximo subtópico discutiremos sobre a masculinidade advinda de uma estrutura patriarcal, fragmentadas nos enunciados presentes nas mídias digitais.

## **2.4 A masculinidade como uma construção sócio-histórica e cultural**

Durante séculos, a sociedade desenvolveu uma estrutura hierárquica em relação a posição do homem. Dessa forma, o sujeito masculino constrói uma inscrição de si partindo da sua própria anatomia que lhe atribui determinadas



condições físicas que o torna distinto das mulheres. Com isso, volta-se para o processo histórico que tende a naturalizar as diferenças sociais entre os gêneros, dado que firmam a normalidade dessas diferenças e assim constitui sujeitos dentro desses parâmetros. Desse modo,

É preciso atentar para o processo inverso, que consiste em *naturalizar* processos socioculturais. Quando se afirma que é *natural* que a mulher se ocupa do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se, rigorosamente, *naturalizando* um resultado da história. (SAFFIOTI, 1987 p. 11)

Diante disso, é possível considerar o processo de naturalização dos papéis atribuídos ao homem e a mulher que determinam os espaços por onde devem atuar na sociedade. Esse processo determina às mulheres o espaço doméstico, isto é, aquela que exerce os serviços da casa, cuidando dos filhos e do marido. E ao homem é destinado o espaço exterior a este, o público, visto que deve sair para trabalhar e sustentar sua família. “Alias, o dito popular *lugar de mulher em casa* é eloquente em termos de imposição da ideologia dominante. Em ficando em casa todo ou quase todo o tempo, a mulher tem menor número de possibilidades de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades” (SAFFIOTI, 1987 p.14, grifos da autora).

Compreende-se, diante disso, que a partir da tipologia sexual dos sujeitos, são atribuídos significados ao masculino e ao feminino. “São estabelecidos significados ao sexo e à natureza, tomando-se o masculino (o falo) como referência paradigmática e o feminino, como polaridade deficiente e estigmatizada” (ALVES, 2004 p. 390) Dessa forma, esses significados designam as diferenças entre os gêneros, concedendo ao masculino determinados padrões. Enquanto isso, as mulheres são vistas como figuras estigmatizadas, cristalizadas de forma não positiva, desempenhando papéis geralmente inferiores.

É possível notar que os homens e mulheres ocupam posições distintas reveladas pelas condutas que regem seus comportamentos associados aos saberes constituídos. Por meio disso, observa-se que existem discursos que colocam a mulher em suposta fragilidade em relação ao homem e, por sua vez, a condiciona a uma certa inferioridade nas relações sociais. A suposta superioridade do homem permite a eles distanciar-se do sentimentalismo. Desse modo,

É como se a suposta superioridade masculina lhes permitisse distanciar-se das tensões presentes na sociedade. Tudo muito coerente com a crença básica de que as mulheres são fracas e os homens, fortes; as mulheres sofrem, os homens não. E, por não sofrerem, não precisam de nada (MUSZKAT, 2018 p. 10).

Visto isso, é possível levar em consideração a maneira como o homem é colocado na sociedade, concedendo uma personalidade própria que lhe confere força e agressividade. Essas características estão pautadas em uma cultura patriarcal que predomina sob a estrutura hierárquica social que atribui ao homem o domínio, tendo em conta as ideias historicamente construídas sobre um referencial de masculinidade.

O patriarcado é uma construção sócio-histórica marcada por uma cultura que entende o sujeito masculino como provedor da casa e da família. Bola (2020, p.17) afirma que “o patriarcado protege e prioriza os direitos dos homens acima dos direitos das mulheres”. Dessa forma, concede aos homens um papel social que domina as mulheres, formando assim uma sociedade regida por valores masculinos. “Em termos muito simples, isto quer dizer que os homens tomam as grandes decisões que afetam a vida de um povo.” (SAFFIOTI, 1987 p. 47) Isto é, os homens exercem uma posição de poder que foi historicamente construída desde a antiguidade.

As noções históricas que influenciaram na construção da masculinidade determina ao homem que demonstre força, superioridade e coragem, tendo que abster-se de sentimentos emotivos (OLIVEIRA, 2004 p. 21). Para a cultura patriarcal, o homem deve ser forte e autossuficiente, sem que precise demonstrar qualquer tipo de vulnerabilidade agindo de acordo com um ideal de masculinidade que inscreve os comportamentos do considerado “homem de verdade”.

De acordo com Saffioti (1987, p.18), “para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo.” Esta definição de “poderoso macho” significa tornar visível sua virilidade, isto é, aquele que comanda as relações sociais e exerce domínio sobre outros sujeitos, por isso, devem fugir de qualquer demonstração de fraqueza. “Qualquer afastamento, deslize comportamental, qualquer manifestação maior de descontrole afetivo, qualquer sinal de interesse ou desinteresse pelo mundo da mulher podem pôr sua identidade em risco” (MUSZKAT, 2018 p. 34). Nesse ínterim, qualquer demonstração que esteja fora dos parâmetros do macho coloca em risco a sua masculinidade. Diante disso,

Os garotos aprendem que expressar sentimentos, ainda mais com demonstrações de vulnerabilidade, como choro, são fraquezas. E eles internalizam essa censura, de um modo que, quando fazem a transição da infância para a adolescência e depois, para a vida adulta, eles reprimem internamente as emoções e nunca dão conta do tamanho da violência. (BOLA, 2020 p. 27)

Dessa forma, os homens aprendem desde cedo a reprimir seus sentimentos, para mostrarem que estão dentro dos parâmetros impostos pela sociedade. Nesse sentido, é possível perceber que:

A violência e agressividade masculina também são normalizadas por meio da socialização secundária, nas escolas, em muitas das quais predomina uma cultura de masculinidade tóxica. Entre meninos, brincar de luta é muitas vezes um sinal de amizade (BOLA, 2020 p. 45)

Obedecendo a uma hierarquia definida sócio-historicamente na qual o sujeito masculino ocupa certa dominação diante de outros, os homens tendem a ser mais violentos. Assim, diante dos enunciados propagados nas mídias digitais, se (re)produz discursos que vigiam os comportamentos dos sujeitos masculinos em *posts* diariamente compartilhados, disseminando determinados comportamentos. Dessa forma, os regimes de verdades dos enunciados ligados aos processos de objetivação/subjectivação produzem ideais de masculinidade. Por meio das mídias digitais, os homens são constituídos e condicionados a seguir padrões. Nesse contexto, na próxima seção, apresentaremos a análise dos *posts* selecionados para abordar os modos de objetivação dos sujeitos.

### **3 O INSTAGRAM COMO ESPAÇO DE OBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS MASCULINOS**

A partir dos pensamentos voltados à masculinidade, é possível notar os discursos que emergem no meio social e circulam entre os sujeitos, que mediados pelo saber constroem verdades sobre uma a idealização masculina. Posto isto, é possível compreender os diversos espaços nos quais os discursos se propagam, como nas mídias digitais, mais especificamente no *Instagram*, em que os discursos se reverberam por meio do compartilhamento de *posts* entre os sujeitos, contribuindo para a objetivação dos homens.

As páginas relacionadas à masculinidade propagam condutas da masculinidade que, comumente, buscam prescrever o comportamento dos sujeitos. Diante disso, apresentamos neste capítulo a análise de *posts* selecionados na página @macho\_execivamente\_viril. Tal página foi criada no Brasil em 2021 e apresenta construções sócio-históricas e culturais em torno da masculinidade e pode ser compreendida como uma forma de resistência à (re)produção de um discurso machista/sexista. Consta até março de 2023 com 195 seguidores, com 293 publicações. Para a análise, selecionamos oito (08) postagens e seguimos três trajetos temáticos: a) A visão masculina socialmente construída sobre a mulher; b) “*Homem não chora*”: a repressão das emoções; c) A construção do homem sob a visão da masculinidade idealizada.

#### **3.1 A visão masculina socialmente construída sobre a mulher**

Neste trajeto temático, analisamos os comportamentos masculinos em relação à mulher, construídos sócio historicamente através de enunciados publicados pela página @macho\_execivamente\_viril. Com isso, é possível perceber como os discursos são regidos pelo saber e, por sua vez, constrói os ideais de masculinidade que se propagam no meio social por meio das mídias digitais. Vejamos a figura 01:

Figura 01: A força feminina de levantar bíceps



Fonte: @macho\_execivamente\_viril

O enunciado acima, postado em 02 de fevereiro de 2021, apresenta duas imagens em conjunto, configurando um mesmo *post*. Primeiramente, observa-se a imagem clássica do cartaz de 1943, criador por J. Howard Miller que representa um símbolo da resistência feminina. O enunciado escrito na língua inglesa “We can do it” significa “Nós podemos tudo” e demonstra a força feminina na luta por uma igualdade de gênero. Entretanto, na imagem agregada a essa, há um homem robusto em posição de combate e nela um enunciado que faz referência a imagem anterior: “*Lavar louças não constrói músculos. Então desfaça esse sinal de bíceps*”. O enunciado em questão apresenta uma ideia difundida que atribui às mulheres tarefas domésticas.

Para Foucault (2008, p. 105), o enunciado é a função que emerge por meio das condições de possibilidade de existência através dos elementos que recebem o valor de verdade no meio social. Assim, quando se diz: “*Lavar louças não constrói músculos*” percebe-se uma estigmatização das mulheres atribuindo-as às tarefas de cuidar da casa e da família. O sinal de bíceps é comumente, um ato atribuído aos homens para demonstrar força física, por isso uma mulher não deve fazê-lo. Por meio disso, é possível perceber que este enunciado apresenta um discurso machista

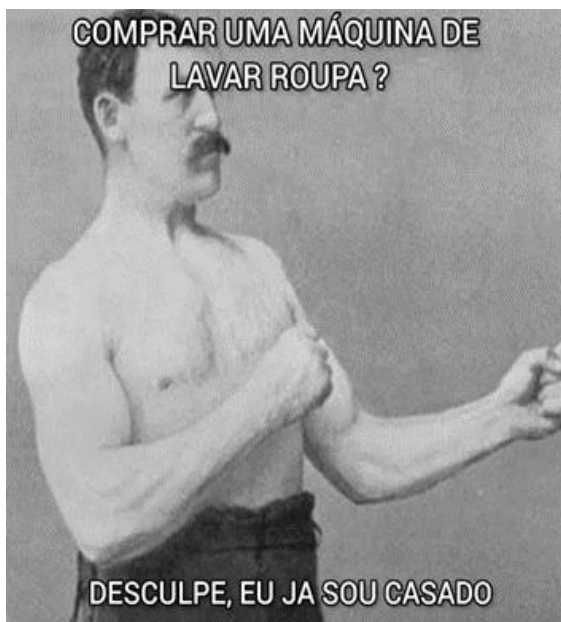
que se coloca contra o feminismo, advindo de construções sócio históricas, geralmente, proferido por homens que acabam reverberando a ideia de que a mulher é inferior a eles e de que o lugar delas é em casa lavando louças ou fazendo outros serviços domésticos. Esses comportamentos tendem a configurar os papéis socialmente estabelecidos, mais especificamente no que diz respeito aos homens que demonstram sua virilidade como sinal de poder. Assim, percebe-se a ideia de que a masculinidade tende a estabelecer relações de poder através da dominação, e da demonstração da força física. Dessa forma, é importante destacar que:

A virilidade foi, e continua sendo, para os homens um sinal de poder, pois a ideia de masculinidade que foi construída socialmente é estabelecida entre a relação homem e mulher, tentando distanciar ao máximo os dois. Desse modo, a relação de poder que existe entre pessoas que se relacionam afetivamente passa por um viés de dominação, apesar de que, em determinado momento histórico, a lei 16 defendeu tais posicionamentos do homem. (LOPES, 2022 p. 36)

Dessa forma, a noção da virilidade é vista como uma forma de poder que estabelece uma relação hierárquica entre homens e mulheres. Posto isso, pode-se entender como os homens tecem as ideias de masculinidade que são valorizadas no meio social e configuram o discurso de um ideal masculino. Segundo Foucault (2008), o discurso é um conjunto de enunciados que se estão em ordenação formando uma regularidade e são tomados como verdade segundo a vontade de verdade vigente na época em que emerge. Diante disso, consideramos que os discursos presentes em *posts* do *Instagram* da página @macho\_execivamente\_viril, apresentam verdades sobre os homens que acabam reverberando e constituindo enunciados que se vinculam aos sujeitos que acessam tais conteúdo.

Com isso, percebe-se as relações de poder exercidas sobre outras ações no meio social, uma vez que “onde há poder, há também a resistência” (FOUCAULT, 2010 p.). Dessas relações de poder se configuram os comportamentos sociais dos homens e mulheres que são objetivado/subjetivados por meio dos discursos. Na próxima figura, trataremos de analisar a visão masculina sobre as mulheres no espaço doméstico. Vejamos a figura 02:

Figura 02: A esposa é uma “máquina”



Fonte: @macho\_execivamente\_viril

A imagem acima é uma ilustração clara do patriarcado vigente no meio social. A figura 2 selecionada no perfil @macho\_execivamente\_viril postada em 21 de dezembro de 2022 apresenta o seguinte enunciado verbal: “*Comprar uma máquina de lavar roupa? Desculpe, já sou casado*”. Este enunciado nos faz entender que não há motivos para se adquirir uma máquina de lavar roupas, já que se tem uma esposa para realizar essa tarefa.

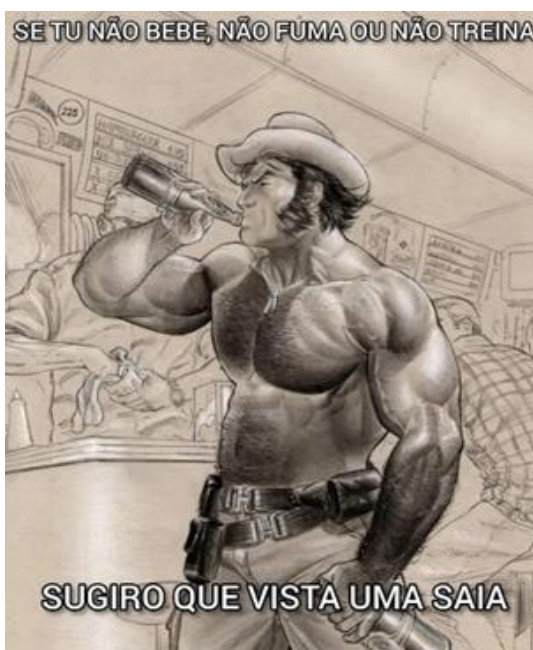
Através disso, é possível notar que há uma naturalização dos papéis sociais, que normalizam a posição do homem, direcionando seus comportamentos, conduzindo-os a assumirem posições norteadas por essa cultura patriarcal. De acordo com Muszkat (2018, p. 31), “o patriarcado subjuga homens e mulheres, as expectativas e regras que engessam nossos comportamentos e direcionam nossos desejos”. Diante disso, entendemos que aos homens é destinado o espaço público, enquanto o doméstico é destinado às mulheres, partindo de um conjunto de características exigidas pela sociedade que solidificam as definições impostas pela masculinidade na forma de construir uma identidade.

Para Foucault (2010), o poder funciona no corpo social através de relações de forças historicamente construídas. Estas relações atravessam a sociedade e percorrem múltiplos espaços. O referido autor afirma que “as relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecidas, em momento histórico determinável” (FOUCAULT, 2010 p. 176). Além disso, é

possível compreender que o poder é uma prática que provoca ações que são aceitas ou não pelos sujeitos, fazendo assim emergir as formas de resistência. Com isso, percebe-se que as relações de poder presentes na figura 2, nas quais o homem busca exercer o controle da casa e da mulher.

Assim sendo, é possível observar através desse *post* que os discursos que configuram um ideal masculino são cada vez mais propagados entre os sujeitos pelas mídias digitais. Tendo isso em conta, na próxima figura analisaremos a percepção do homem sobre as práticas femininas que se afastam das práticas masculinas.

Figura 03: Ou faz ou não é homem



**Fonte:** @macho\_execivamente\_viril

A figura 3 foi postada em 18 de abril de 2022. A imagem representa as atitudes que configuram uma masculinidade estabelecida socialmente. É possível notar no enunciado: *Se tu não bebe, não fuma ou não treina. Sugiro que vista uma saia*” apresenta uma inscrição de si partindo dos comportamentos do “macho” valorizados pela sociedade patriarcal. Caso um homem não adote essas atitudes tende a ser comparado a uma mulher. No termo “*sugiro que vista uma saia*” aponta para uma rejeição temida pelos homens. Vestir uma saia simboliza a ridicularização da masculinidade. Tendo em vista as construções sócio-históricas, que determinam aos homens atividades mais braçais e pesadas, esses comportamentos destacam as



inscrições do sujeito masculino que tendem a adotar posturas concedendo uma personalidade própria que confere força e agressividade.

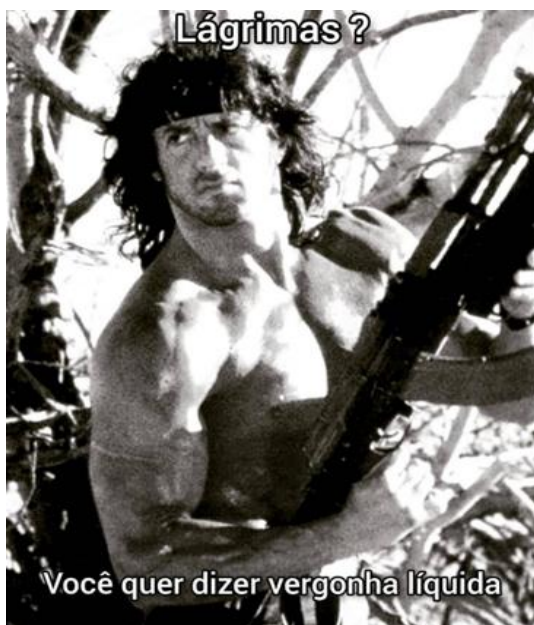
A partir disso, entende-se a importância dada à estética que parte dos significados construídos historicamente. Por meio desses significados se constrói a ideia de que o físico musculoso permite exercer uma certa dominação no meio social. “O corpo humano era, e permanece para nós, coberto de signos, mesmo se a natureza desde o olhar que os decifra, a exposição de quem os interpreta e a intenção de quem os exprime se modificam historicamente” (COURTINE, 2013 p.78). Nesse sentido, os sujeitos estão submissos as modificações históricas e por meio disso modelam seus corpos. Desse modo, no termo “treinar” nota-se como o poder social age sobre os sujeitos e os conduzem a serem padronizados, construindo um físico forte como símbolo de força e masculinidade. Assim, desencadeia-se processos de objetivação/subjetivação dos sujeitos que diante das práticas de si modificam seus corpos em busca de um padrão.

O corpo dos sujeitos é modelado através dos efeitos de poder, que interferem no modo como os sujeitos devem viver. Com isso, pensamos que “o poder como verdade vem se instituir, ora pelos discursos a que lhe é obrigada a produzir, ora pelos movimentos dos quais se tornam vitimados pela própria organização que a acomete e, por vezes, sem a devida consciência e reflexão” (FERREIRINHA e RAITZ, 2010 p. 370). Desse modo, percebe-se que o enunciado “*Sugiro que vista uma saia*” reproduz a ideia de masculinidade, constituindo uma relação de forças que tende a moldar os sujeitos e fortalece a ideia de macho existente na sociedade. No próximo subtópico analisaremos a dificuldade que os homens têm de demonstrar qualquer tipo de vulnerabilidade emotiva, visto que isso condenaria sua postura masculina e sancionam a verdade propagada na sociedade que estabelece os ideais da masculinidade.

### **3.2 “Homem não chora”: a repressão das emoções**

Neste trajeto temático, analisaremos os enunciados se constituem como verdadeiros sobre o homem que é condicionado a não revelar seus sentimentos, e qualquer desvio das atitudes estabelecidas coloca em risco a sua masculinidade. A figura a seguir apresenta a imagem do personagem dos filmes americanos da década de 1980, “Rambo”, para expressar o que é ser homem.

Figura 04: A fragilidade tida como vergonha



Fonte: @macho\_execivamente\_viril

A referida postagem foi publicada em 29 de junho de 2021. A utilização da imagem do Rambo colabora para construção da identidade através dos modelos impostos pela mídia. Com isso, há uma contrariedade entre o masculino e o feminino, entre o que é permitido a um e ao outro não. Por adotarem comportamentos mais voltados à força e coragem, o homem passou então a não revelar seus sentimentos para manter a posição de macho. Desse modo, percebe-se que “o homem será considerado macho na medida em que for capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos. A educação de um verdadeiro macho inclui necessariamente a famosa ordem: "Homem (com H maiúsculo) não chora" (SAFFIOTI, 1987 p. 25). Portanto, a educação para os sujeitos masculinos compõe o ensinamento de que devem reprimir seus sentimentos para não serem julgados como fracos.

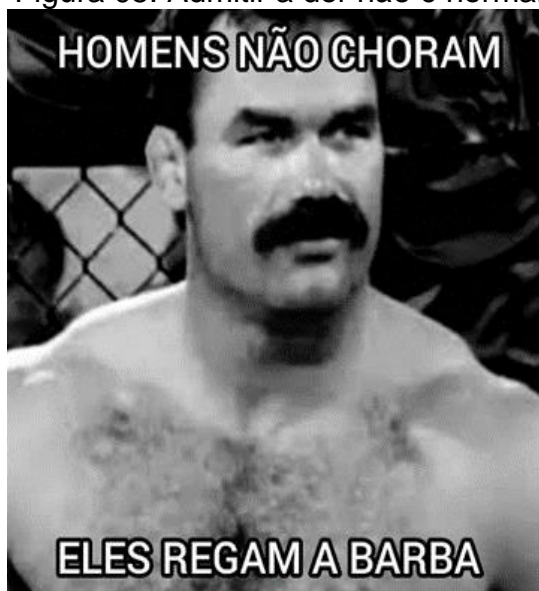
No enunciado “*Lágrimas? Você quis dizer vergonha líquida?*”, é possível notar como ocorre o tratamento em relação às emoções dos homens tratando-as como vergonha, visto que as lágrimas são vistas como a manifestação da vulnerabilidade. Através disso, Muszkat (2018) afirma que fragilidade é uma ameaça à masculinidade. Assim, não é permitido o choro aos homens, construindo padrões de comportamentos que tendem a excluir os sentimentos da vida desses sujeitos.

Então, pode-se afirmar que deixar-se levar pelas emoções tende a demonstrar ser menos homem.

O termo *“Vergonha Líquida”*, tratado na imagem analisada, reafirma a imposição de força e autossuficiência encarada pelos homens na sociedade. A rejeição das condutas tipicamente masculinas torna o homem inferior em relação aos outros, tendo em conta que nesta perspectiva não chorar é um símbolo de força e segurança. Os homens devem mostrar domínio sobre eles próprios, tomando por base princípios que constituem os discursos que levam a construir uma verdade que homens não choram. Tendo isso em vista, é possível observar como esse discurso exprime uma memória por meio dos sentidos que podem ser construídos.

Pode-se perceber através da figura 4 que os discursos propagados nas mídias digitais formam os significados sobre uma realidade social sobre a masculinidade. Os sujeitos masculinos são condicionados a adquirir determinados comportamentos firmados na cultura patriarcal que os oprimem, condicionando a construção de uma personalidade forte, devendo ser sinal de força e dureza. Diante disso, vejamos a figura 5:

Figura 05: Admitir a dor não é normal



Fonte: @macho\_execivamente\_viril

A figura 5 foi publicada em 12 de junho de 2021 e demonstra a rejeição aos sentimentos que atinge os homens. A construção da masculinidade ideal demarca a objetivação/subjetivação do sujeito masculino inscrito dentro dos parâmetros estabelecidos pela sociedade através de um jogo de verdades. Por isso, os homens

devem estar sempre em alerta para provar sua virilidade, pois qualquer ameaça a sua masculinidade pode provocar uma rejeição no ciclo social.

Diante disso, os homens tendem a deixar de lado as demonstrações de afeto, uma vez que entendem que estas são essencialmente femininas. “Qualquer deslize comportamental, qualquer manifestação maior de descontrole afetivo, qualquer sinal de interesse ou desinteresse pelo mundo da mulher podem pôr sua identidade em risco” (MUSKAT, 2018 p. 34) Ou seja, qualquer desvio das atitudes estabelecidas pela masculinidade, como a vulnerabilidade afetiva, coloca sua identidade em risco. Neste processo, o homem é habitualmente produzido como uma figura forte e educado a não demonstrar qualquer tipo de fragilidade. Na figura 5, é possível notar como essas ideias de masculinidade, se constituem, principalmente em se tratando de ser uma postagem do *Instagram* que se vincula aos sujeitos masculinos e reverberam no meio social. O que permite compreender através de Foucault (2010) que diz que o saber determina o que pode ser dito e quando poder ser dito, através deste enunciado é regido pelo saber que determina as condutas do homem.

No enunciado “*os homens não choram, regam a barba*” compreende-se que os homens se revestem de condutas impostas socialmente que lhe cobram uma autossuficiência em dominar seus próprios sentimentos, constituindo assim a construção de uma masculinidade viril. Sobre essa questão, vale ressaltar que:

Na convenção masculina, o homem forte não chora, nem deixa transparecer fragilidade. Em contraposição, a mulher, por ter menos força física, passa a ser vista como o oposto de tudo isto, ou seja, mole, fraca, insegura, chorona, sem poder, inconsistente, etc. Assim, além de segundo sexo, as mulheres são identificadas como o sexo frágil (ALVES, 2005 p.09)

Segundo Bola (2020), os homens são vistos como gênero que apresenta mais frieza emocional, uma vez que observam a vida através de suas interpretações, analisando as situações para se ter o melhor resultado possível. Tendo isso em mente, é possível ver que os homens se afastam dos sentimentos e tendem reprimir suas emoções. Dessa forma, percebe-se que os enunciados (re)formulam discursos que contém as verdades sobre a masculinidade. Na próxima figura, traremos a análise de um enunciado que relaciona o sentimento a algo puramente essencial do ser humano. Vejamos a figura 06:

Figura 06: Homens têm sentimentos



**Fonte:** @macho\_execivamente\_viril

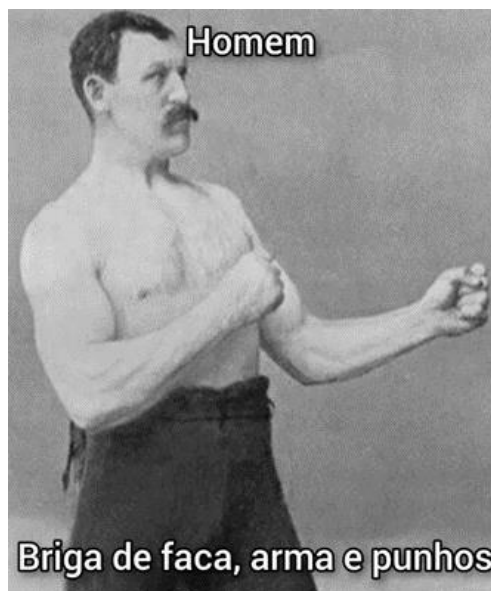
A figura 6 foi postada em 18 de janeiro de 2021. No enunciado “*Homens também têm sentimentos. Por exemplo, sentimos fome*” configura uma noção de que eles não são emotivos, mas sentem fome. O enunciado em questão apresenta uma construção social formada para a imagem do homem, uma vez que afirma que os homens têm sentimentos, uma vez que apresentam necessidades fisiológicas.

Para Alves (2004), os discursos que envolvem as masculinidades tomam por base preceitos que tendem a hierarquizar as características dos gêneros. Com isso, entende-se o saber que define as possibilidades de aparecimentos desses discursos, visto que, “é também o campo dos enunciados em que os conceitos aparecem se define, se aplicam e se transformam” (AZEVEDO 2013 p. 149). Ou seja, existe uma ideia de que os homens de não mostrar sentimentos para não serem considerados menos masculinos. Dessa maneira, pode-se notar como se configura a realidade a partir dos discursos voltadas à masculinidade. Diante disso, no próximo subtópico, analisaremos a construção dessa masculinidade sob a visão dos próprios homens.

### **3.3 A construção do homem sob a visão da masculinidade idealizada**

Neste subtópico, analisaremos como os enunciados constroem a imagem do homem sob a visão da masculinidade idealizada. Vejamos a figura 07:

Figura 07: Para o homem violência resolve



**Fonte:** @macho\_execivamente\_viril

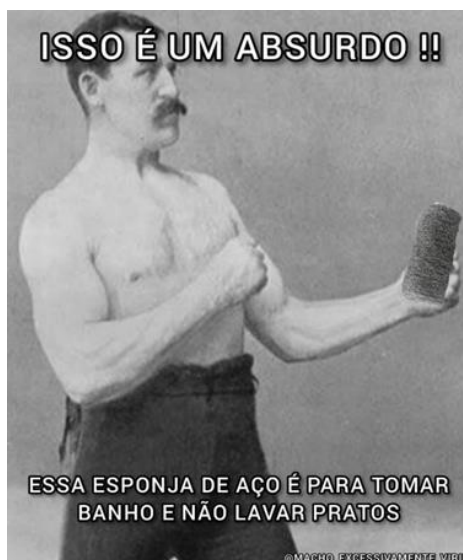
A figura 7, publicada pelo perfil @macho\_excessivamente\_viril em 29 de junho 2021, demonstra um ideal de masculinidade constituído historicamente pela sociedade, representando a ideia de que devem ser violentos. O enunciado associa o homem a atitudes violentas como a briga, traçando condutas mais agressivas. Assim, considerando o que Foucault (2010) afirma sobre o poder, que por sua vez funciona na circulação do saber, é possível observar que este enunciado representa uma verdade que constitui o comportamento dos homens no meio social que passam a ser vistos como violentos.

Quando se diz: *Homem. Briga de faca, arma e punhos*. Observa-se a violência como uma característica da masculinidade, tendo em conta a forma como o homem é objetivado por meio dos jogos de verdade propagado pelos discursos. O enunciado representa como verdade que os sujeitos masculinos desempenham um papel mais agressivo. “Queremos dizer com isso que algumas manifestações de violência carregam consigo elementos que compõem a identidade do homem no interior de uma ordem patriarcal” (DA SILVA, 2015 p. 2803). Portanto, percebe-se que as manifestações de violência demonstram uma inscrição do patriarcado no seu interior, visto que a composição da identidade do homem ocorre a partir dessas noções estabelecidas pela sociedade.

O enunciado da figura 7 resume o homem à briga e, por isso, reverbera o discurso de que esses sujeitos devem ser violentos, objetivando a imagem de uma

masculinidade agressiva. Para Martinho (2015 p. 29), o *ciberespaço* é arquitetado de forma aberta e cresce infinitamente e descontinuamente sempre em movimento e estabelecem conexões rápidas e precisas propagando discursos relacionados a um ideal de masculinidade. Na próxima figura, trataremos de analisar as construções do homem sobre sua própria masculinidade.

Figura 08: Homem de verdade faz assim



Fonte: @macho\_execivamente\_viril

Neste *post*, retirado do perfil @macho\_excessivamente\_viril, postado em 23 de outubro de 2021, a imagem do homem segurando uma esponja de aço vem seguida de um enunciado “*Isso é um absurdo!! Essa esponja de aço é para tomar banho e não para lavar pratos*”. É possível notar como o referido objeto é utilizado para demonstrar a agressividade e força, uma vez que faz referência ao uso da esponja no banho. Com isso, o enunciado reforça-se a ideia de que homens devem ser grotescos e fortes. Segundo Braga, Fernandes e Tasso (2020), o corpo assume a centralidade no processo de objetificação por meio do poder e das relações produzidas. Ou seja, o corpo, de acordo com os referidos autores, é o local por onde o poder é efetivado.

Na imagem, o discurso impulsiona a busca do homem pelo poder, enraizada em uma cultura patriarcal que condiciona o homem à prova. Para Bento (2015, p.88), “é neste ponto que a masculinidade deve ser provada, e, tão logo isso ocorre, é questionada, tornando necessário que seja novamente provada: sua construção é

constante, implacável e inatingível”. Dessa forma, para o referido autor a masculinidade hegemônica é intrínseca a realidade social. Portanto, é possível destacar que esse ideal de masculinidade afeta muitos sujeitos que buscam se moldar de acordo com os parâmetros sociais. Por isso, quando se diz no enunciado da figura 8: “*Essa esponja de aço é tomar banhos*” significa dizer que os homens devem ser superiores e suportar desafios. O ser masculino detém a ideia de que deve ser forte e exercer uma masculinidade dominante diante de suas relações sociais, visto que permanece na iminência de ser o macho dentro dessas relações que a sociedade valoriza. Diante dessas posturas, os homens acabam adotando uma posição de coragem condicionada a uma masculinidade ideal.

Nota-se como os homens são vistos no meio social, uma vez que são caracterizados pelas relações de poder. Para Brigido (2013, p.600) “através de seus mecanismos, o poder atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos”. Assim, é possível observar como as relações de poder atuam com a força disciplinar sobre a formação dos homens que tendem a adotar comportamentos devido à cultura patriarcal. Diante da análise das postagens, percebe-se o impacto das mídias no processo de formação da identidade masculina tornando possível observar como os discursos integram-se à realidade, uma vez que através deles se constituem os elementos que perpassam as idealizações construídas sócio historicamente.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, pode-se compreender o discurso como um conjunto de enunciados que produzem regularidades e circulam no meio social configurando verdades. Assim sendo, através dos enunciados publicados no *Instagram* é possível entender como ocorrem os comportamentos dos homens, influenciados pelos discursos propagados no *ciberespaço*. Nesse contexto, o presente estudo buscou compreender os modos de objetivação dos sujeitos masculinos a partir de posts do *instagram* e, com isso, identificar como esses modos ocorrem em página @macho\_excessivamente\_viril relacionada à masculinidade, para assim descrever a constituição do sujeito masculino nesta página analisando as relações de poder dos homens através das postagens selecionadas como *corpus* analítico.

A partir disso, percorremos sobre as noções dos discursos como um acontecimento no lugar e época em que emergem e como são regidos pelo saber. O saber se define como aquilo que domina os enunciados por meio das práticas discursivas aceitas socialmente. Assim, considera-se, um sistema de verdade sobre as determinadas condições históricas que se propagam pelos discursos e promove os efeitos de poder, promovendo, dessa forma, processos de objetivação/subjetivação dos sujeitos.

Por meio da página @macho\_excessivamente\_viril, percebe-se que os enunciados estabelecem as relações de poder que atuam diretamente na vida dos sujeitos que acessam essas publicações se deparam com um discurso de masculinidade idealizada. Estes discursos, constituídos socio-historicamente são comumente, tomados como verdade pelos sujeitos e regem seus comportamentos. Visto isso, os sujeitos são objetivados, pois (re)produz um discurso de um ideal masculino.

Mediante a isso, a pesquisa entende as atribuições conferidas aos homens na contemporaneidade. Assim, compreende-se que o ideal masculinidade percorre as amplitudes da sociedade e inscreve-se nos sujeitos tomando partido da forma como devem se comportar na sociedade. Com isso, é possível observar as características atribuídas aos homens por meio de uma cultura patriarcal construída, que rege os comportamentos dos sujeitos masculinos voltados à virilidade e dominação.

Este estudo pode contribuir para pesquisas futuras na linha dos Estudos

Discursivos Foucaultianos, pois abordou sobre as perspectivas do poder e sua funcionalidade no meio social, que condiciona a formação do sujeito. As discussões aqui apresentadas não se esgotam em si, mas lançam um olhar sobre os modos de objetivação vigentes. Diante disso, percebe-se que o processo de formação dos sujeitos escapa de qualquer fechamento, pois é possível desenvolver novos caminhos para esses processos em diferentes amplitudes, como nas mídias digitais.

## REFERENCIAS

- ALVES, José Eustáquio Diniz. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: ENCE, p. 387-392, 2004.
- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. São Paulo: Revista Filogênese, v. 6, n. 2, 2013.
- BAZZA, Adéli Bortolon. **Identidade(s) do sujeito masculino no programa humorístico sexo frágil**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.
- BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Natal: EDUFRN, 2015.
- BOLA, J. J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BOTTON, Fernando Bagiotto. **As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica**. Paraná: Revista Vernáculo, v. 1, n. 19/20. 2007.
- CALDAS COSTA, Aline; DA CONCEIÇÃO FONSECA-SILVA, Maria. **Considerações iniciais sobre o controle dos discursos: breve leitura de "A ordem do discurso", de Michel Foucault**. Maringá: Revista Espaço Acadêmico, v. 14, n. 161, p. 49-56, 2014.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERNANDES, Cleudemar Alves; SARGENTINI, Vanice. **Saussure e Foucault, língua e discurso**. Mato Grosso: Revista da Anpoll, v. 53, n. 2, p. 53-67, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FONSECA, João Paulo Ayub da. **Considerações sobre a constituição do sujeito do cuidado de si no pensamento de Michel Foucault**. Porto Alegre: Veritas, v. 57, n. 1, 2012.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades**. São Paulo: Comunicação, mídia e consumo, v. 4, p. 11-25, 2007.
- GREGOLIN, Maria do Rosário de Fátima Valencise. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. *In*: FERREIRA,

Ruberval; RAJAGOLAPAN, Kanavillil (orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 115 –142.

KLEIN, Carin; SANTOS, Alison dos. **“ORGULHO DE SER HETERO”?** disputas em torno das masculinidades em uma página do Facebook. Rio de Janeiro: Revista Teias, v. 22, n. 64, p. 181-194, 2021.

LOPES, Wesley Hericles Ameida. **Discursos sobre a masculinidade tóxica nas mídias digitais: da formação do objeto às ressonâncias biopolíticas**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2022.

MUSZKAT, Malvina E. **O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo**. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. **Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica**. Rio de Janeiro: Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh - Rio, v. 16, 2014.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2004.

RAGUSA, Pedro. **A Arqueologia do Saber de Michel Foucault: Entre a descrição estrutural e a análise epistemológica**. Rio Grande do Sul: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 13, n. 27, p. 167-187, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, José Remon Tavares da. **Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem**.

Disponível em:

<<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/686>>. Acesso em 13 de dezembro de 2022.